

## ***“Admirável mundo novo” da ficção científica: Memória e arquivo on-line***

Edgar César Nolasco\*  
Quelciane Ferreira Marucci\*\*

### **RESUMO:**

O presente artigo discorre sobre o estudo da literatura de ficção científica brasileira no meio digital, pois percebemos que é crescente a publicação desse gênero nas páginas da *web* como propagação e, podemos dizer também, como forma de arquivamento dessa literatura marginal que ainda é invisível para a crítica literária brasileira.

**Palavras-chave:** Ficção científica. Hipertexto. *E-book*.

Que a ficção científica ainda passa por caminhos incertos e efêmeros não podemos negar. Esses atalhos já são cada vez mais evidenciados nos estudos contemporâneos sobre o gênero, principalmente por seus admiradores. Literatura invisível que se sustentou, em outras décadas, nas criações dos fanzines cujo veículo era essencialmente informativo, trazendo novidades do gênero para seus seguidores. Hoje, a ficção científica é facilmente encontrada no mundo subterrâneo da internet, blogs e bibliotecas virtuais. Mesmo que não esteja no centro da terra e não seja vista pelos críticos literários, ela ainda se mantém por meios de seus “balbucios” nas prateleiras das livrarias brasileiras e de seus brados nas páginas da *web*. Afinal, como afirma Achugar, “A qualificação do deslocado, ou do lugar de desprezo e do não-valor, é produzida por outros e pelo sujeito da enunciação mesmo que ele termine por assumi-la, com ou sem orgulho, de forma submissa ou insubmissa” (ACHUGAR, 2006, p. 14).

Coerentemente, com tal afirmação podemos perceber, talvez, o porquê de a ficção científica traçar caminhos tão distintos. Pela não-valorização? Ou pela busca por uma nova estética? Ora, Denílson Lopes assevera que o “novo e o choque deixam de ser marcas de ruptura para se tornarem estratégias de *marketing* e de produção de notícias,” (LOPES, 2007, p. 29), tal como a ficção científica que se utiliza de uma estética engajada em um tempo e em uma sociedade, uma “estética *pop* que não tem medo do fácil [...], da redundância informativa, do descartável e que coloca no mesmo lugar o que antes chamávamos de popular e erudito: experimentalismo e cultura de massa” (LOPES, 2007, p. 30). Portanto, utiliza-se da estética da comunicação e, acrescentamos, meios de comunicação de massa como o computador.

Não estamos falando somente de obras criadas para ser lidas *on-line*, mas os próprios livros impressos estão também sendo digitalizados. De acordo com Carqueija, é tendência da ficção científica a publicação nas páginas da *web*. Partindo dessa afirmação de Carqueija, podemos refletir sobre o arquivo da ficção científica, utilizando, para tanto, o conceito derridiano de arquivo, para sua construção neste novo espaço. Se, antes, o arquivamento deste gênero se encontrava em *fanzines* e livros impressos, hoje, podemos encontrá-los *on-line*; porém é certo afirmar que os arquivos necessitam de um lugar exterior,

que assegure a possibilidade da memorialização da repetição, da reprodução ou da reimpressão, então lembremo-nos também a própria repetição e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte. Portanto, da destruição (DERRIDA, 2001, p. 23).

Então, os arquivos são, na verdade, os que se constroem e se anulam, levando a esta pulsão de morte. Tal reflexão nos faz uma alusão aos livros impressos, pois há neles a memorialização, a repetição e a reprodução. Contudo, os *e-books* não podem também carregar tal memória e não podem, de fato, se anular como um arquivo que se repete e se depara também com a pulsão de morte?

Derrida aponta que a *máquina de arquivar* impede a ação da memória totalmente espontânea:

Não que a máquina seja uma pura ausência de espontaneidade, sua *semelhança* com o aparelho psíquico, sua existência e sua necessidade testemunham a finitude assim suplementada da espontaneidade mnésica. A máquina – e, portanto a representação – é a morte e a finitude no psíquico. Freud não se interroga mais sobre a possibilidade desta máquina que, no mundo, ao menos começou a se *aparecer* cada vez mais e melhor (DERRIDA, 2001, p. 26).

Portanto, a máquina de arquivar tem a função de melhorar e expandir tecnologias anteriores. Ela não é somente uma máquina que reproduz textos, mas é também produtora dos textos impressos. Na esteira de Bellei, tais textos tornados possíveis pela máquina de arquivar são conhecidos como “hipertexto”.

Definido por Ted Nelson, em meados da década de 1970, como “uma forma de escrita não-sequencial” – um texto que se espalha em ramificações e permite ao leitor escolher caminhos, [e que deve ser] preferencialmente lido em uma tela interativa (BELLEI, 2002, p. 43).

O hipertexto possui três aspectos que podemos abordar. O primeiro é sobre a natureza específica do objeto, ou seja, se ele é não-sequencial e ramificado; o segundo diz respeito ao tipo de leitor e, o último, trata do meio de comunicação ideal para lermos o hipertexto que é o computador.

Não podemos definir o hipertexto sem fazer uma comparação com o livro impresso. Este, por sua vez, é conhecido de forma linear e sequencial, onde o leitor segue uma rota do autor. Já o hipertexto tende à multilinearidade, pois o leitor escolhe os próprios caminhos nas páginas interativas. Então, as estruturas do hipertexto, que mais se parecem com um labirinto de possibilidades de navegações podem também ser comparadas com a própria internet, porque ela é nada mais nada menos que um hipertexto carregado de *links* produzidos por meio de uma linguagem única de marcações conhecidas como HTML (*hypertext makeup language*).

Além disso, podemos dizer que o hipertexto não é somente um mero acréscimo de uma alternativa de ler mais rápido e produtivo. Antes, ele é um acúmulo de informação eletrônica que constitui uma revolução histórica prenunciadora de profundas mudanças culturais.

Bellei em seu ensaio, “O hipertexto e a morte do literário”, afirma que ainda não se sabe o que ocorrerá com a literatura com essa tal mudança de modos de produção de textos para o hipertexto, mas acredita que o literário não será o mesmo. Birkerts, citado por Bellei, acredita que, neste contexto histórico da cultura digital, a grande literatura encontra-se em fase de extinção:

Muito embora obras importantes estejam ainda sendo escritas, é cada vez mais difícil a sua publicação; ou se são publicadas, é difícil divulgá-las, e, quando divulgadas, vendidas; ou quando vendidas lidas...e muito embora a leitura séria ainda exista e demonstre uma louvável independência, – é graças a ela que a literatura ainda está viva, concentra-se ela na faixa mais adulta da população. A compra e a leitura de livros caíram radicalmente na população abaixo dos 30 anos. E quem poderá prever o número de leitores nas novas gerações? ... É perfeitamente compreensível que as editoras, de olho no lucro possível, estejam rapidamente

diversificando sua produção e lançando no mercado livros gravados, CD-ROMs, ou qualquer outra coisa que venha compensar as perdas causadas pelos produtos impressos (BIRKERTS, 1994, p. 190 *apud* BELLEI, 2009, p. 11).

Porém, há autores mais otimistas, como Bolter e Crusin, que acreditam que “o que ocorre quando se passa da hegemonia de um meio de comunicação para outro é uma ‘remediação’” (BOLTER e CRUSIN, 1999, p. 45 *apud* BELLEI, 2009, p. 11). Ou seja, o meio anterior começa a se adaptar com as novas tecnologias e sofre muitas vezes alterações, produzindo mudanças nas novas formas de comunicação.

O meio eletrônico [...] não se contrapõe à pintura, à fotografia, ou à imprensa; o computador apresenta-se antes como uma nova forma de obter acesso a essas formas mais antigas, forçando o conteúdo do meio anterior adaptar-se ao novo meio (BOLTER e CRUSIN, 1999, p. 45 *apud* BELLEI, 2009, p. 11).

Mas essa “remediação” valoriza o meio antigo ou o mais recente? Segundo Perloff, citado por Bellei, o relacionamento entre as duas tecnologias é definida como soma, pois serve para complementar faltas ou acrescentar possibilidades à tecnologia anterior. Tais recursos digitais, então,

chegaram para complementar e melhorar recursos anteriores, a tecnologia do texto impresso em particular. As bibliotecas virtuais sem paredes chegaram para complementar as bibliotecas tradicionais, a leitura detalhada para complementar a coleta de textos hipertextualizados (PERLOFF, 2006, p. 4-5 *apud* BELLEI, 2009, p. 12).

Apesar de acreditarmos que a nova tecnologia vem aperfeiçoar as tecnologias anteriores, Neil Postman acredita que a tecnologia é mais do que isto, pois “constitui uma força estruturante, ou um ambiente, que acaba de reestruturar o espaço e tempo e por moldar hábitos, comportamentos e práticas sociais e culturais.” (POSTMAN, 1993, p. 18 *apud* BELLEI, 2009, p. 13). O autor acredita também que o “novo aspecto”, somado a esta nova tecnologia, depende do seu poder hegemônico, como o caso da televisão que se tornou hegemônica em relação aos outros meios de comunicação. Podemos pensar, então, que o hipertexto eletrônico que, hoje, já se tornou hegemônico, não opera mais somente como complemento de tecnologias anteriores, como o livro impresso. Na esteira de Postman, tais novas tecnologias

não competem com os antigos – por tempo, por dinheiro, por prestígio, mas principalmente pela supremacia de sua visão de mundo [...] e a competição é ferrenha, do tipo, que somente ideologias conseguem praticar. Não se trata simplesmente de um instrumento contra o outro – do alfabeto contra a escrita ideográfica, da imprensa contra o manuscrito, da fotografia contra a arte da pintura, da televisão contra o texto impresso. Quando os meios de comunicação entram em guerra entre si, o que acontece é um conflito entre visões de mundo (POSTMAN, 1993, p. 18 *apud* BELLEI, 2009, p. 13).

Desse modo, somos forçados a refletir sobre a possibilidade de os hipertextos eletrônicos não mais virem para complementar, mas sim deslocar a leitura do texto literário enquanto prática intrinsecamente marcada pela tecnologia do livro impresso. Então, se os leitores aderirem a essa prática de pesquisar os bancos de dados e começarem a produzir algumas colagens de materiais, e nisto tornarem-se dominantes, então, os leitores poderão ser motivados a “perceber essa prática como forma natural de ler, então a leitura do literário pensada em termos da experiência de um segredo que não pode ser completamente revelado poderá ser relegada a segundo plano, ou mesmo desaparecer” (BELLEI, 2009, p. 14).

Frisk, citado por Bellei, acredita que esta leitura de forma interativa pode “privilegiar um tipo de leitura e excluir outros” (FRISK, 1996, p. 207 *apud* BELLEI, 2009, p.14), pois os leitores têm a percepção e compreensão total do texto que leem, ou seja, eles sentem que podem exigir mais do texto. Nas propostas de leitura de Bellei, porém percebe-se que há grandes diferenças entre a experiência da leitura literária e a prática de leitura de hipertextos eletrônicos que trazem informações complementares, tais como: imagens, sons e outros efeitos especiais.

A produção ou reprodução de literatura em hipertexto incentiva a prática de *expandir e controlar a memória da literatura*, mas não aquela de *ler o texto literário*. E na medida em que, com a proliferação de textos literários em rede, a prática de controlar a memória da literatura torna-se hegemônica, é bem possível que o ato de ler passe a ter o sentido de colagem de dados a serem apresentados em tela (BELLEI, 2009, p. 14).

Além de Bellei, Pierre Lévy, em seu livro *As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, também discorre sobre o hipertexto. Partindo de uma preservação das possibilidades infinitas do hipertexto, Lévy propõe seis características, ou melhor, seis princípios abstratos. O primeiro nos mostra o princípio da metamorfose, afinal, o hipertexto está sempre em construção: ele pode até ficar estável durante algum período, porém tal estabilidade faz parte de um trabalho, pois sua composição sempre está em jogo com as pessoas envolvidas. O segundo discorre sobre o princípio de heterogeneidade. As conexões de uma rede hipertextual são distintas, pois, na memória, encontram-se as imagens, os sons, as palavras, e tais conexões serão afetivas, lógicas, enquanto na comunicação, as mensagens serão digitais, multimídias, etc.

O terceiro princípio trata-se da multiplicidade e do encaixe das escalas. Cada hipertexto é organizado de forma “fractal”, afinal, quando analisamos uma conexão, ela pode revelar-nos como uma composição de toda rede. O princípio de exterioridade no quarto elemento aborda sobre o hipertexto ser composto e recomposto por um exterior indeterminado, tais como: “adições de novos elementos, conexões com outras redes, etc.” (LÉVY, 2004, p. 26).

No quinto princípio denominado de topologia, Lévy diz que a rede é o espaço onde tudo funciona por proximidade. Dentro dos hipertextos, os cursos dos acontecimentos são questões de caminhos. Por último, o princípio de mobilidade dos centros, onde o hipertexto não possui um centro, mas vários centros que se deslocam, formando um mapa com detalhes e desenhando outras paisagens do sentido.

O hipertexto possui, então, uma rede original de interfaces, tomando emprestado, é claro, vários traços de outras mídias. Suas particularidades, aspectos dinâmicos e multimídia, devem-se ao seu suporte de inscrição ótica e magnética. Porém, é de forma não-linear que pesquisamos o hipertexto. Portanto, o comparamos com um grande dicionário, onde cada palavra de uma definição nos leva a uma palavra definida “ao longo de um circuito errático e virtualmente sem fim” (LÉVY, 2004, p. 37).

Esta velocidade de sair de um “lugar” e estar instantaneamente em outro, formando, desse modo, a não-linearidade, nos é denominada de navegação.

A pequena característica de interface “velocidade” desvia todo o agenciamento intertextual e documentário para outro domínio de uso, com seus problemas e limites. Por exemplo, nos perdemos muito mais facilmente em um hipertexto do que em uma enciclopédia. A referência espacial e sensoriomotora que atua quando seguramos um volume nas mãos não mais ocorre diante da tela, onde somente temos acesso direto a uma pequena superfície vinda de outro espaço, como que suspensa entre dois mundos, sobre a qual é difícil projetar-se (LÉVY, 2004, p. 37).

Mas, qual é o tempo desta informatização? Percebemos que os bancos carregam em si todo o conhecimento de colocar uma informação para determinados especialistas, ou seja, tais especialistas desejam encontrar, o mais rápido possível, informações confiáveis sobre o assunto desejado. Portanto, essa informação operacional é precíval. Quando procuramos um arquivo *on-line*, às vezes, apenas utilizamos seu conteúdo, não o *lemos* de fato, ou seja, eles não são relidos e/ou reinterpretados como os livros do passado. Lévy discorre que “neste sentido, a maior parte dos bancos de dados são antes espelhos do que memórias, espelhos o mais fiéis possível do estado natural de uma especialidade ou um mercado” (LÉVY, 2004, p. 115).

O que podemos observar nos hipertextos ou em textos *on-line* são as modificações que ocorreram na escrita, ou melhor, nos novos suportes que ajudaram a garantir o seu registro. Regina Zilberman, em seu texto “A leitura no mundo digital”, revela que, apesar de existir vários modos de armazenamento da escrita no decorrer dos séculos, podemos perceber que a leitura ainda se mostra constante.

A leitura sempre depende do olhar de um leitor. Por essa razão, a leitura de textos transmitidos por meio digital guarda parentesco com o procedimento inaugurado há alguns milênios pelos sumérios. Ou seja: mesmo no seu formato inovador e instigante [...] não escapam à confirmação da unidade própria à leitura, reiterando sua natureza, por mais distintas que sejam ou tenham sido as práticas de ler. Pressupõe-se, pois, que a leitura não corre riscos, quando se transporta a escrita do papel para o meio digital (ZILBERMAN, 2009, p. 4).

Se muitos acreditam que a leitura será prejudicada com o aumento de produções de textos *on-line* ou que o computador colocará em risco o universo do livro impresso, Zilberman aponta que um não excluirá o outro, mas formarão uma parceria, contribuindo de forma significativa para a leitura em si.

O acesso à realidade virtual depende do domínio da leitura e, assim, essa não sofre ameaça, nem concorrência. Ao contrário, sai fortalecida, por dispor de mais um espaço para sua difusão. Quanto mais se expandir o uso da escrita por intermédio do meio digital, tanto mais a leitura será chamada a contribuir para a consolidação do instrumento, a competência de seus usuários e o aumento de seu público (ZILBERMAN, 2009, p. 5).

Seguindo a mesma linha de Zilberman, Edgar Kirchof discorre sobre a literatura digital. Em seu texto, acredita que ainda são recentes os estudos sobre a prática e, portanto, não podemos saber ao certo se estes novos usos irão interferir na ordem dos discursos vigentes em nossa cultura contemporânea. Além disso, citando Hyun-Joo Yoo, Kirchof nos mostra que há cinco manifestações de textos literários no meio digital: literatura digitalizada, editoração colaborativa, escrita colaborativa, literatura hipertextual e literatura hipermediática. A primeira, denominada pelo próprio Yoo de literatura digital imprópria, é aquela que é produzida, primeiramente, de forma tradicional, ou seja, obras impressas, e, posteriormente, digitalizadas. Porém, estas obras não possuem uma verdadeira transformação estrutural.

A segunda já são produções realizadas a partir das possibilidades existentes no meio digital, mas possuem uma estrutura linear igualmente aos textos impressos. Exemplo dessa editoração colaborativa, podemos citar os *e-books*, que são produzidos por recursos eletrônicos, mas que também não abandonam este caráter linear. A terceira são textos também lineares que poderiam ser escritos, não necessariamente, com recursos eletrônicos, chamados de textos colaborativos, em que tais textos são escritos conjuntamente por grupos que se utilizam de programas específicos, como salas de bate papo. O quarto e quinto elementos são os que mais modificam sua estrutura em relação ao livro impresso, pois o hipertexto, como o próprio nome já diz, “configura-se pelos *links* à disposição do

leitor, que, ao seguir certos caminhos, em detrimento de outros, cria um percurso específico e acaba, simultaneamente, gerando um enredo próprio que não seria o mesmo caso tivesse navegado por outros *links*” (KIRCHOF, 2009, p. 50). O mesmo acontece com a literatura hipermidiática, caracterizada como a quinta manifestação, onde colocam recursos diferenciados de leitura à disposição do leitor, tais como: sons, imagens e movimentos. Daí, confundir-se muito se a tal narrativa literária desenvolvida por este meio é realmente uma narrativa ou um jogo eletrônico por serem muito semelhantes.

Kirchof também nos aponta uma questão relevante em relação à literatura hipertextual e à literatura hipermidiática: o desaparecimento do autor enquanto a instância que determina o modo como deve ser lido e interpretado, fazendo, assim, a construção dos sentidos dos textos.

No lugar de um suposto autor soberano, instala-se, nessa visão, o leitor como figura central, pois, mais do que um mero colaborador para o fechamento de sentidos pré-estabelecidos pelo autor, nas malhas do hipertexto, o leitor se tornaria coescritor ou coautor, pois suas escolhas de percursos possíveis determina a construção de um texto sempre renovado (KIRCHOF, 2009, p. 51).

Por outro lado, Kirchof mencionando Yoo, aponta um otimismo que, na década de 90, foi construído com a tão inovada alternativa ideal que era o hipertexto, tanto no campo literário quanto no campo social. Dois argumentos significativos, portanto, modificaram essa visão positiva. Em primeiro lugar, a literatura digital ainda não conseguiu alcançar um número considerável de leitores e, também, a qualidade ainda não é tão elevada quanto havia esperado. Portanto, “a era do livro impresso não acabou, e a importância do autor tampouco desaparece no hipertexto” (YOO, 2007, p. 24 *apud* KIRCHOF, 2009, p. 52).

O que devemos pensar, segundo Kirchof, é em um “mal-entendido”, realizado por leituras muito literais do conceito foucaultiano de autor. Como nos esclarece Simanowski, citado por Kirchof,

a morte do autor pode ser compreendida no sentido que o sujeito deixa de ser visto como um ser soberano sobre a própria consciência e passa a ser compreendido como um objeto produzido por distintas formações discursivas, muitas vezes, dificilmente perceptíveis ou recuperáveis (SIMANOWSKI, 2002, p. 69 *apud* KIRCHOF, 2009, p. 54).

Assim sendo, nos estudos mais recentes, o autor, no hipertexto, é visto como “o desaparecimento da imaginação interpretativa” (YOO, 2007, p. 56 *apud* KIRCHOF, 2009, p. 54). Então, não desaparece, “mas adquire um centralidade ainda mais forte do que aquela conferida ao autor do texto impresso” (KIRCHOF, 2009, p. 55).

Com semelhantes reflexões, Nilze Maria Campos Pallanda, em seu texto intitulado “*Leitura Digital e Complexificação: reflexões sobre a constituição de si*”, relata a importância do espaço digital como um incentivo à cognição/subjetivação que as conexões em rede proporcionam aos leitores. Segundo a autora, a leitura de hipertextos, por exemplo, moldam os sujeitos, “transformando-os, nessa relação sujeito/máquina em atividades hipertextuais na qual eles configuram uma outra realidade, constituindo conhecimento/subjetividade e não simplesmente aprendam ‘coisas’” (PALLANDA, 2009, p. 95). Além disso, quando tais sujeitos traçam esses caminhos não-lineares, acontece uma flexibilização maior dos sujeitos, que também se tornam capazes de fazer novas abstrações reflexivas, pois esses percursos digitais, segundo Pallanda, “nos obrigam a reconfigurações contínuas” (PALLANDA, 2009, p. 96).

É o que afirma Pierre Lévy em sua obra *O que é virtual?* Segundo o autor:

O espaço do sentido [do hipertexto] não preexiste à leitura. É ao percorrê-lo; ao cartografá-lo que o fabricamos, que o atualizamos. [...] aqui, não é mais a

unidade do texto que está em jogo, mas a construção de si, construção sempre a refazer, inacabada. Não é mais o sentido do texto que o ocupa, mas a direção e a elaboração de nosso pensamento, a precisão de nossa imagem do mundo, a culminação de nossos projetos, o despertar de nossos prazeres, o fio de nossos sonhos (LÉVY, 1996, p. 36).

Então, o texto, ou melhor, o hipertexto não está ligado às intenções do autor ou à compreensão viva do texto, mas, contribui para criar e reatualizar o mundo de significações que somos.

Ao pensar em hipertexto, Lévy aponta que tal função, além de tecer ligações entre áreas de sentido e conectar-se a outros documentos, também colabora em “arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre qual ele se destaca e ao qual remete” (LÉVY, 1996, p. 37). A tecnologia intelectual, quase sempre, virtualiza uma função cognitiva, ou seja, a memória. Então, com a escrita, a comunicação oral perdeu seu apogeu em relação aos saberes narrativos e rituais da sociedade.

Porém, vale salientar que a escrita, antigamente, como comunicação, era separada, frequentemente no tempo e espaço, de sua fonte; portanto, fora de contexto. Com as tecnologias, somos mergulhados no meio oceânico do ciberespaço, como afirma Lévy: “esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral” (LÉVY, 1996, p. 39).

Lévy também discorre que o hipertexto *desterritorializa* o texto, pois os textos, disponíveis nas redes digitais, são postos em movimento, sem fronteiras nítidas. Logo, podemos perceber que estão mais próximos do pensamento. Na esteira de Lévy:

O texto continua subsistindo, mas a página furtou-se. A página, isto é, *pagus* latino, esse campo, esse território cercado pelo branco das margens, lavrado de linhas e semeado de letras e de caracteres pelo autor; a página, ainda carregada da argila mesopotâmica, aderindo sempre à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a inundação informacional, seus signos soltos vão juntar-se à torrente digital (LÉVY, 1996, p. 48-49).

E a interpretação, ou seja, a produção de sentido do hipertexto não mais remete à exclusividade de uma intenção, mas, à apropriação sempre singular de um navegador/internauta. O que nos interessa agora, segundo Lévy, não é o que pensou um autor inencontrável, porém o próprio texto pode nos fazer pensar, aqui e agora.

É o que nos afirma Néstor García Canclini em seu livro *Leitores, Espectadores e Internautas*. Para o autor, ser internauta aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de ser leitor e espectador. Segundo Canclini, “redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou talvez, imaginá-lo” (CANCLINI, 2008, p. 54). Além disso, Canclini afirma que nessas fusões midiáticas são “reorganizados os modos de acesso aos bens culturais e às formas de comunicação” (CANCLINI, 2008, p. 33). Então, as fronteiras entre as épocas e níveis educacionais para os internautas tornam-se cada vez menores.

Apesar de que na web continua havendo brechas, tanto nos modos de acesso como na amplitude e heterogeneidade de repertórios aos que chegam a setores diversos, ao navegar ou “googlear” textos e imagens de diferentes épocas, a cultura dos que são vizinhos e a dos que estão distantes tornam-se espontaneamente acessíveis. Familiarizam-se (BELLEI, 2002, p. 127).

Em suma, percebemos que, ao tentar criar uma memória e/ou arquivo, não nos detemos mais à impressão, como uma marca, segundo Derrida, “para salvar um texto indene, de maneira durável,

para proteger as marcas do apagamento a fim de assim assegurar salvação e identidade, de estocar, de acumular [...]” (DERRIDA, 2001, p. 40). Essa inscrição que deixa uma marca no suporte, não mais necessariamente, pode ser um lugar, ou melhor, um único lugar de registro e, podemos acrescentar uma única fonte de informação e conhecimento.

É o que nos afirma Bellei na obra supracitada *O livro, a literatura e o computador*: “Tecnologia significa, mais do que nunca, progresso puro e simples, seja em termos de conforto e produtividade individuais, seja em termos de uma vida social mais democrática, participativa e igualitária” (BELLEI, 2002, p. 127).

Vale a pena ressaltar, então, de acordo com Bellei, que “a rede não transforma a todos em produtores e escritores, nem toda informação e conhecimento vai para a rede e nela atua com o mesmo valor” (BELLEI, 2002, p. 131).

Se os livros impressos são, para muitos pesquisadores e alunos, uma forma de acesso à informação, podemos afirmar, portanto, que com as tecnologias tais pesquisadores e alunos poderão, não somente ter mais acesso a informação, mas também começariam a trabalhar interativamente com o hipertexto, por exemplo, e a partir daí, passariam a ser *produtores de conhecimento* e não apenas meros *consumidores passivos*.

Como já vimos, a literatura não mais sobrevive somente nas prateleiras das livrarias, mas em muitas páginas *web* que divulgam livros e digitalizam os livros impressos. Portanto, se a aprendizagem antes tinha a escola como o lugar de legitimação do saber e os livros impressos eram também um fetiche, algo sagrado por exemplo, agora está tornando-se cada vez mais aberta às tecnologias que trazem informações e formas de comunicação mais rápidas e atuais.

Jesús Martín-Barbero discorre em seu texto “Técnicidade, Identidades, Alteridades: Mudanças e Opacidades da Comunicação no novo século” que essas tecnologias mudaram o lugar da cultura em nossas sociedades. O autor aborda também que tais revoluções tecnológicas não somente introduzem grandes quantidades de novas máquinas, “mas sim, um modo cultural – formas de produção e distribuição dos bens e serviços: um novo modo de produzir, confusamente associado a um novo modo de comunicar, transforma o conhecimento numa força produtiva direta” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 54). Além disso, Martín-Barbero afirma que, quando estamos na frente de uma máquina, como o computador, recebemos mensagens simbólicas que inauguram, no momento, uma nova fusão de cérebro e informação, que muda a tradicional relação do corpo com a máquina. Segundo o autor:

Por outro lado, as redes informáticas, ao transformarem nossa relação com o espaço e com o lugar, mobilizam figuras de um saber que escapa à razão dualista com a qual estamos habituados a pensar a técnica, pois se trata de movimentos que são ao mesmo tempo de integração e de exclusão, de desterritorialização e relocalização, nicho no qual interagem e se misturam lógicas e temporalidades tão diversas como as que entrelaçam no hipertexto as sonoridades do relato oral com as intertextualidades da escrita e as intermediações do audiovisual (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 57).

É o que realmente acontece quando visitamos algumas páginas *web*: estamos, de fato, em um tempo e em um espaço impreciso. Um exemplo prático da falta de território e de tempo da virtualidade pode ser dado por uma conversa por telefone ou por MSN. Qual é o lugar onde acontecem essas conversas? Digamos que as duas pessoas que se comunicam estejam em pontos opostos do globo: qual seria a hora? A resposta é: em qualquer lugar e a qualquer tempo. Assim como ocorre com o acesso a qualquer arquivo da internet, você pode ler textos em qualquer lugar e a qualquer tempo.



Outro fator relevante que Martín-Barbero aponta em seu texto é que com a globalização e com as novas tecnologias passa a se configurar um novo ecossistema de linguagens e escrita, como é o caso do *e-book* e do hipertexto:

A experiência audiovisual transtornada pela revolução digital marca, por um lado, a constituição de novas temporalidades ligadas à compressão da informação, o surgimento de novas figuras de razão que remetem ao estatuto cognitivo que a digitalização procurou na imagem, e finalmente a emergência de uma visibilidade cultural convertida em palco de uma decisiva batalha política entre a ordem/poder da letra e as oralidades e visualidades culturais que enlaçam as memórias com os imaginários no palimpsesto que, ao mesmo tempo que apaga, lhes permite emergir imprecisamente nas entrelinhas que escrevem o presente. Pois os imaginários da virtualidade e da velocidade dão forma, imprecisa também, ao futuro que as redes do hipertexto tecem (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 77).

Entretanto, tais meios de comunicação de massa têm o papel de produzir o presente e provocar, por sua vez, o esquecimento do mesmo? Ou seja, se nos meios de comunicação as notícias válidas são aquelas que acontecem no momento, então o presente mostrado em tela começa ser tão instantâneo que nos causa um mal-estar cultural. Afinal, sentimos a necessidade de obter “tempos mais longos e da materialidade de nossos corpos reclamando de menos espaço e mais lugar” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 71). Então, como afirma Huyssens, “não opor maniqueisticamente a memória e a amnésia, mas, sim, pensá-las juntas” (HUYSENS, 1996, p. 48 *apud* MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 71).

Deparamo-nos, então, quando utilizamos o computador, com um novo tipo de textualidade. O texto eletrônico se desdobra em vastos tipos de suporte e escritas, além de encontrar uma crescente cumplicidade entre a oralidade e a visualidade dos mais jovens.

É nas novas gerações que essa cumplicidade opera mais fortemente, não porque os jovens não saibam ler ou leiam pouco, mas, sim, porque sua leitura já não tem o livro como eixo e centro de cultura. Deste modo é a própria noção de leitura que está em questão, obrigando-nos a pensar a desordem estética que as escritas eletrônicas e a experiência audiovisual introduzem. Pois a visualidade eletrônica passou a fazer parte constitutiva da visibilidade cultural, essa que é ao mesmo tempo tecnológico e novo imaginário capaz de falar culturalmente – e não só manipular tecnologicamente –, de abrir novos espaços e tempos para uma nova era do sensível (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 70).

Essa ruptura da ordem linear, onde no hipertexto, por exemplo, há ruptura na linha cultural e também na ordem temporal sucessiva, traz à tona, no mundo urbano, esse novo tipo de fluxo. Portanto, com tal tecnicidade midiática, a sociedade interage com novos campos de experiência, com a desterritorialização das identidades e com os escritos literários: também com os textos digitais, que contribuem não somente a mobilizar a informação, mas também o trabalho com a criatividade, pesquisas científicas e também experiências estéticas.

Porém, Guillermo Orozco Gómez, em seu artigo “Comunicação social e mudança Tecnológica: um cenário de múltiplos desordenamentos”, nos aponta um fator relevante quanto à interatividade que o computador nos proporciona. Essas vastas acessibilidades que temos diante da tela, essa liberdade, são sempre enquadradas em condições que não foram por nós produzidos e nem escolhidos? Afinal, “a mediação informacional (digital) baseia-se na interatividade que parece diluir as fronteiras entre produtores e consumidores de conhecimento ao oferecer a sensação de serem não só receptores, como também emissores do conhecimento construído” (GÓMEZ, 2006, p. 91).

E quanto à aprendizagem, Gómez discorre que as exposições em telas superam qualitativamente a exposição em quadros negros.

Outra faceta da mudança diz respeito às fontes legitimadoras das aprendizagens. Antes, o livro que o professor trabalhava na sala de aula tinha a “última palavra”. Agora, a última imagem está na tela e a última palavra quem tem são os sujeitos-audiência, e seus olhos: “se vejo na tela, acredito, é verídico; e se não vejo, posso duvidar e desconfiar.” A visão, então, torna-se legitimadora do que passa por ela, sem se importar se isso é verídico, valioso, inteligível, estruturado ou simplesmente banal, falso, manipulador ou distorcido enquanto produto necessário de representações. Desde as interações midiáticas, os sujeitos-educandos questionam o professor, questionam seus saberes enciclopédicos esvaziados de significado, diante da abundância representacional e policromática dos ecossistemas comunicativos (GÓMEZ, 2006, p. 91).

Então, como afirma Roger Silverstone em seu livro *Por que estudar a mídia?*, os meios de comunicação nos proporcionaram o “direito” de dizer, ou seja, oportunizaram uma realidade da qual podemos participar, dividindo e sustentando em nossas vidas diárias e também em nossas interações diárias. Por fim, “a mídia é essencial a esse projeto reflexivo [...] nos programas de notícias e atualidades, e na publicidade; como que através das lentes múltiplas dos textos escritos, audiotextos e dos textos audiovisuais, o mundo é apresentado e representado: repetida e interminavelmente” (SILVERSTONE, 2002, p. 22).

### **“Brave new world” of science fiction: Memory and on-line file**

#### **ABSTRACT:**

---

The present article discusses about the study of Brazilian literature of science fiction in digital media because we may realize that there is an increasing publication of this genre on the web pages as propagation and, we also say, as a way of filing this marginal literature that is still invisible to Brazilian literacy review.

**Keywords:** Science fiction. Hypertext. E-book.

#### **Notas explicativas**

\* Professor na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Programa de Pós-Graduação/Mestrado em Estudos de Linguagens- Departamento de Letras. Campo Grande/ MS.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-graduação, Mestrado em Estudos de Linguagens- Departamento de Letras. Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande/ MS.

#### **REFERÊNCIAS**

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre cultura, arte e literatura*. Trad. Lyslei Nascimento. Minas Gerais: UFMG, 2006.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. *O livro, a literatura e o computador*. Florianópolis: UFSC, 2002.

\_\_\_\_\_. Sérgio Luiz Prado. O hipertexto e a morte do literário. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p.10-22, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 18 setembro 2009.

CANCLINI, Néstor García. *Leitores, Espectadores e Internautas*. Trad. Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

*IPOTESI, JUIZ DE FORA, v. 14, n. 1, p. 115 - 125, jan./jul. 2010*

- CARQUEIJA, Miguel. Eles herdarão a Terra. *Discutindo Literatura*, São Paulo, n. 9, p. 26-29, 2006.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- GÓMEZ, Gilhermo Orozco. Comunicação social e mudança tecnológica: um cenário de múltiplos desornamentos. In: MORAES, D. (org.). *Sociedade Midiatizada*. Trad. Carlos Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 81-98.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. O desaparecimento do autor nas tramas da literatura digital: Uma reflexão foucaultiana. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p.47-63, jan.-jun., 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 18 set. 2009.
- LÉVY, Pierre. *Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 13ª. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O que é o virtual?* Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.
- LOPES, Denilson. *A Delicadeza: estética, experiência e paisagem*. Brasília: UNB, 2007.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). *Sociedade Midiatizada*. Trad. Carlos Moura da Silva, Maria Inês Coimbra Guedes, Lucio Pimentel. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 51-79.
- PALLANDA, Nize Maria Campos. Leitura digital e complexificação: reflexões sobre a constituição de si. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p. 90-98, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em: 18 set. 2009.
- SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?*. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura no mundo digital. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 56, n. 34, p. 22-32, jan./jun., 2009. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>. Acesso em: 18 set. 2009.